

Existe O Espaço Turístico?

Antonio Carlos Castrogiovanni¹

Resumo: A pesquisa, com a busca das interfaces de três campos do conhecimento (preferimos chamar assim, neste momento, a Geografia, a Comunicação e o Turismo), procura, inicialmente, sustentar, algumas das inquietações que temos vivido, enquanto geógrafo planejadores do espaço: Existe relação entre o Espaço Geográfico e o Espaço Turístico, ou não? Existe ou não um espaço Turístico pré-definido? O Espaço Turístico é resultado ou não da intervenção da Comunicação? O Espaço Turístico constitui-se num Lugar? Na pesquisa social, o pesquisador e seu objeto têm forte ligação, e é esse diálogo que enriquece a compreensão do objeto e revela algumas de suas múltiplas facetas. Esta pesquisa trabalha com o Paradigma da Complexidade de Edgar Morin. A metodologia empregada possibilita o uso da técnica da Entrevista Episódica, que se baseia em um guia de entrevistas com o fim de orientar o entrevistador para os campos específicos a respeito dos quais se buscam narrativas e respostas.

Palavras chave: Turismo, Geografia do turismo, Espaço, Espaço turístico

Para o Início da Viagem...

A cada ano, a atividade turística provoca a circulação de milhões de pessoas, através de diferentes lugares. Os fatores de motivação, que propiciam tal movimento pelo mundo, são inúmeros. Alguns são facilmente detectados; outros, por envolver muita subjetividade, são difíceis de ser avaliados. O certo é que não é mais possível ver o Turismo de forma genérica, embora, historicamente, ele tenha sido visto por vários campos profissionais como um conjunto de atividades ou transações econômicas, o que é uma postura, no mínimo, reducionista.

A busca crescente pelo lazer, o contato com culturas diferentes, a procura por aventura ou o encontro com o ambiente natural distanciado do urbano, estão entre as causas mais relevantes, que forçam a criação de novos segmentos do Turismo e levam os planejadores a ficarem mais atentos às suas intervenções.

¹ Professor da UFRGS e PUCRS castroge@ig.com.br

Assim, o Turismo, que é, também, um fenômeno geográfico e comunicacional, desde meados do século passado tem sido tema de pesquisa nos mais diferentes campos do conhecimento, por diferentes meios acadêmicos em todo o mundo, graças aos índices de crescimento econômico da atividade e a sua complexidade.

Segundo Morin (2000, p. 59), “a condição humana está marcada por duas grandes incertezas: a incerteza cognitiva e a incerteza histórica. (...) Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza”. O planejador, se imbuído do pensamento complexo, trata com a incerteza, procurando conceber a organização. Por outro lado, como afirma Santos (1996, p. 81), “a realidade concreta da história não separa o natural e o artificial, o natural e o político, devemos propor um outro modo de ver a realidade (...)”. Parece ser a Complexidade o caminho mais recomendado, neste momento, para nós que pensamos a ordenação do Espaço Turístico

Na lógica da complexidade, inviabiliza-se uma leitura fundada em maniqueísmos tipo certo-errado, natureza-cultura, ou distinções sobre onde termina o puramente técnico e inicia o puramente social. A produção do conhecimento é processual, engloba o histórico, o individual e o coletivo, ao mesmo tempo, deriva da práxis humana, da leitura feita através desta práxis. Assim, não pode ser linear e neutra, ter certezas eternas e verdades absolutas. Acredito (neste momento!) que pensar, a partir de diferentes leituras históricas e epistemológicas o Espaço Turístico, favorece, em muito, a busca de complexos diálogos que possam lidar, com maior propriedade, com as determinações sociais e econômicas que direcionam a história para caminhos ditos certos e verdadeiros, inclusive no planejamento.

Embora a legitimidade científica, hoje, deva estar mais atrelada às necessidades sócio-políticas, não podemos descartar a importância epistemológica para um balizamento teórico, não encadeado. Acredito (neste momento!) que, assim, podemos nos preparar melhor para o que Morin chama de Ecologia da Ação, ou seja, prevenir/compreender melhor as possíveis conseqüências que o processo interativo sofre a partir do meio com que está interagindo e, com isto, conhecer primeiro o que pensam os sujeitos envolvidos, mais diretamente, no Espaço Geográfico que se pretenda (re)planejar.

Minhas pesquisa busca a interface de três campos do conhecimento, a Geografia, a Comunicação e o Turismo para poder sustentar, inicialmente, estas inquietações: Existe relação entre o Espaço Geográfico e o Espaço Turístico, ou não? Existe ou não um espaço

Turístico pré-definido? O Espaço Turístico é o que entendemos por Espaço Geográfico? O Espaço Turístico é o lugar, o não-lugar ou o entre lugar?

Segundo Milton Santos (1996, p. 51), o Espaço Geográfico “é formado por um conjunto, indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Portanto, parece ser necessário contemplar um estudo historiográfico da formação do território, preocupação que é também a deste trabalho. Este estudo segue dinâmicas de diferentes leituras, pois o Espaço Geográfico deve ser visto como um fator da evolução social, na sua historicidade, que é produzida e reproduzida constantemente. Morin contribui dizendo que “a história da Terra é uma história complexa e atormentada” (2000, p. 26), portanto, circunstância que o Turismo compartilha. O lugar, o não-lugar ou o entre-lugar são parte da Terra, sintetizam um feixe de relações, de forma que a soma dos lugares/não-lugares/entre-lugares seria mais ampla do que a própria história atormentada e complexa da Terra e, igualmente, complexa e atormentada. Este tormento parece ser o que dá ao *espaço* uma composição de algo misto, híbrido, neste sentido, fazendo-se necessária a busca de diferentes campos do conhecimento para procurar entendê-los.

A contribuição da Comunicação, neste processo, é mais uma possibilidade de busca de compreensão deste movimento repleto de imagens a comunicar diferentes mensagens. O Turismo, para mim, além de ser fenômeno geográfico, é também comunicacional! O fenômeno turístico constitui, a priori, uma associação de atividades que produzem comportamentos e espaços diferenciados para o seu consumo. O Turismo é uma forma de condicionamento, de utilização do espaço e da temporalidade, através de uma relação vertical que nós, geógrafos, chamamos de “*Turistificação*”. Segundo Moesch (2000, p. 134-135) o Turismo é:

um campo de práticas histórico-sociais, que pressupõem o deslocamento do(s) sujeito(s), em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, portanto, explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer.

O Turismo constitui-se num fenômeno sócio-espaço-cultural de grande valor simbólico aos sujeitos que o praticam e aos sujeitos que vivem nos lugares onde é praticado. Há uma *publicização*, incentivada pelo mercado neoliberal da comunicação,

quanto às imagens associadas a nominalismos que devem ser consumidos pelo sujeito *turístico*.

Segundo Barthes (1990, p. 32), “toda a imagem é polissêmica e pressupõe subjacente a seus significantes, uma ‘cadeia flutuante’ de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros”. O Espaço Turístico parece ser, antes de tudo, uma imagem. Para o planejador é fundamental saber como são/podem ser construídos/escolhidos estes significados e qual a contribuição da Geografia e da Comunicação na seletividade polissêmica feita pelo sujeito *turístico*?

As pessoas optam por *um* Espaço Turístico a partir de vários fatores, entre eles os ligados às questões econômicas, às características do local de destino, aos estímulos promocionais, à confiança que atribuem ao Espaço Turístico que está sendo almejado e ao imaginário simbólico social que tal espaço pode representar no contexto temporal. Infelizmente, esta escolha, também está associada à estagnação de certos destinos, que muito rapidamente recebem uma grande carga de alterações, perdendo, com isto, em parte ou totalmente, os seus elementos constitutivos dos seus atrativos. No entanto, a escolha não é só objetiva, ela é sempre complexa.

Desta forma, o Turismo não pode depender apenas de alguma pressuposta “vocaçãõ natural”, entendida/construída pela iniciativa privada ou pública, como sendo a única/última salvação para o Lugar. Em certos casos, o produto turístico tenta reproduzir a natureza, os cenários culturais e a autenticidade de práticas sociais, no entanto, observa-se, cada vez mais, que estas envolvem não só situações reais, mas a imagem/imaginário e a subjetividade dos indivíduos, numa (des)valorização da própria reprodução.

Infelizmente, o planejamento, em muitos casos, chega tarde ou nunca chega a tempo de evitar que ocorra a *turistificação* dos lugares, quer por intervenção não qualificada, quer por reprodução desnecessária ou descontextualizada. Mesmo existindo este processo fundamental para a ordenação turística espacial, dificilmente a comunidade receptora local é envolvida e considerada. É necessária uma sociedade civil organizada, que seja autora ou co-autora do planejamento e da gestão local, inserida no regional e textualizada na global(ização) (diferentes escalas de análise!); para tanto, se deve ler o Turismo como um fenômeno complexo em que a sua prática deve ser encarada com profissionalismo.

O turista move-se, em geral, com a firme imagem do prazer, e esta imagem cria um ideário de despreendimento das diferenças, de superioridade ou inferioridade social, de

possibilidades de trocas, enfim, de um rápido e progressivo enraizamento e desraizamento sócio-geográfico dos lugares.

As práticas do Turismo são inúmeras, no entanto, haveria, ainda, uma ausência de categorias que facilitassem a compreensão do chamado fenômeno turístico. Não se pode pensar o Turismo como um fator externo, uma atividade exógena ao espaço e à sociedade, mas, sim, como um fator constitutivo das sociedades atuais. Portanto, o turista não deve ser visto como algo ilhado do contexto social globalizado e nem como um perverso, inserido no capitalismo destrutivo do equilíbrio natural; ele é um sujeito, autor e co-autor do próprio Espaço Turístico.

O Lugar Por Onde Navegamos.

Ao trabalhar com o lugar, não se pode esquecer que ele é sempre único, portanto, um todo complexo. Pela sua densa dinamicidade, num primeiro olhar, parece impossível compreender o lugar. Há uma identidade viva, que o singulariza e que:

comporta não só uma multiplicidade de facetas, pertenças e dependências, mas também algo infra-identitário(id), pré-identitário(se) e sobre-identitário, que simultaneamente a alimenta e a corrói. Contém multiplicidade e unidade, originalidade e conformidade, unicidade e serialidade; necessita sempre dos outros, por reprodução e eventualmente Comunicação (Morin, 2001, p. 302).

Todo Lugar afirma-se de modo autotranscendente nas suas pertenças, dependências, construções, degradações, variações e multiplicidades, que o constituem e reconstituem nas inquietações espaço-temporais, o que nos permite afirmar que todo o Lugar é, simultaneamente, uma realidade e uma ilusão. Assim, também, é Iraí.

O Turismo, no Estado do Rio Grande do Sul, esteve sempre associado ao processo de crescimento econômico local, ao nacional e dos países limítrofes, assim como às mudanças tecnológicas que ocorreram no mundo e no Estado. O Turismo é um fenômeno complexo que não pode ser compreendido sem a perspectiva histórica.

Segundo Flores (1993), alguns fatos, que ocorreram nas primeiras décadas do século passado, período em que começa a ser estruturado o Turismo no Estado, evidenciam todo este processo. O transporte ferroviário, iniciado em 1874, entre Porto Alegre e São Leopoldo, alcançou, em 1907, Uruguaiana, e, em 1930, Santana do Livramento, ligando, assim, Porto Alegre com os países vizinhos do Prata. Em 1915, é instalada em Porto Alegre a primeira agência de turismo do estado – a Exprinter, empresa ligada ao Banco Superville de Buenos

Aires. Em 1922, o trem chega a Gramado e, em 1923, a Canela. Na chamada *serra gaúcha* foram surgindo hotéis de famílias locais que ofereciam hospedagem, principalmente no verão. Simultaneamente, o trem ligava as capitais da República Argentina e República Oriental do Uruguai a Porto Alegre, Rio de Janeiro e a São Paulo.

Na década de 1920, Flores (1993) registra que o transporte por via fluvial e marítima era o mais empregado no Estado. O Portão Central do recém inaugurado Porto Novo (1921) deu a Porto Alegre uma entrada ou saída de passageiros monumental, que, até hoje, impressiona pela sua beleza. Em 1927, foi fundada a Viação Aérea do Rio Grande do Sul (VARIG), empresa gaúcha pioneira no transporte aéreo no Brasil que, em 1946, inaugura linhas comerciais diárias para São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1928, foi inaugurado o Grande Hotel de Pelotas, para a época um hotel com as mais modernas condições de conforto. Durante alguns anos, foi o hotel mais luxuoso do Estado. Muitos hotéis de administração familiar foram inaugurados nas décadas de 1920 e 1930 no Estado, evidenciando o crescimento econômico, principalmente após a subida de Getúlio Vargas ao poder. Há um incentivo à indústria gaúcha e, conseqüentemente, um grande fomento na área de serviços. Em 1930, ocorre a primeira via de cimento, ligando Porto Alegre a São Leopoldo, com isso, favorecendo o uso de automóveis.

Segundo Flores (1993, p. 23),

o Turismo nasceu no Brasil a 23 de novembro de 1923, com a fundação no Rio de Janeiro do Touring Club do Brasil, não há como negar que o turismo no Rio Grande do sul começou de fato no ano de 1935 com o Touring Club do Rio Grande do Sul, logo transformando na seção gaúcha do Touring Club do Brasil.

Em 1935 ocorreu a comemoração do Centenário da Revolução Farroupilha, período em que o Rio Grande do Sul recebeu um elevado número de visitantes de outros Estados e do exterior. Por isso, com a preocupação de dar assistência e receber bem os visitantes, é criado o *Touring Club*. Foi esta instituição que inicia, baseada no modelo uruguaio, um trabalho de sensibilização para os ganhos que o Turismo poderia trazer, publicando a primeira revista voltada ao Turismo no Estado – *Revista Touring*.

Em 1937, a inauguração da rodovia São Leopoldo – São Sebastião do Caí, é considerada como o início do crescimento do transporte rodoviário do Estado, fato este que, aos poucos, vai favorecer o declínio do transporte hidroviário e do ferroviário.

O desenvolvimento industrial, incrementado durante a Segunda Guerra Mundial, não se mantém. A idéia de lazer e divertimento também é afetada pelas novas necessidades sociais. Por pressão da Igreja Católica e considerando o quadro econômico, o Turismo sofre outro baque. Em 30 de abril de 1946, o Marechal Eurico Dutra proibia o jogo no Brasil. Cassinos eram fechados no Estado, entre eles o Cassino Guarany, em Iraí.

Quanto a Iraí, é um município situado no setor norte–noroeste do Rio Grande do Sul, cujo sítio urbano parece “parado” nos anos 40 do século passado, época da proibição dos jogos de azar no Brasil e, portanto, fechamento de seu cassino – Casino Guarany. Sendo um balneário de águas termais, continua tendo, como principal fonte de arrecadação, as atividades ligadas ao Turismo. A importância, que tinha o cassino para o sul do Brasil, pode ser constatada, através da existência, ainda naquele momento (década de 40), de um aeroporto com pista asfaltada que recebia vôos regulares das cidades de Porto Alegre e de São Paulo. Tem a sua formação étnica constituída a partir de descendentes de imigrantes alemães, italianos, poloneses, russos e, ainda, muito presente, a etnia indígena Caingangue.

Em 1927 é fundado o Balneário Osvaldo Cruz, sendo que, o atual prédio, concebido nos moldes das estâncias termais européias da época, só foi inaugurado em 1935. O Balneário Osvaldo Cruz, cujo formato foi inspirado nas arenas romanas, está construído junto à margem esquerda do Rio do Mel, respeitando a Mata Atlântica nativa do entorno. Já passou por diversas reformas, a última realizada em 2002.

Iraí é um município, com área de 185km², predominando as pequenas propriedades, com a policultura de subsistência. A distância aos principais centros emanadores regionais de turistas é relativamente grande: Porto Alegre/RS, 470km; Passo Fundo/RS, 230km; Caxias do Sul/RS, 370km; e Santa Maria/RS, 330km; no entanto, o centro regional do oeste catarinense – Chapecó, situa-se a apenas a 80km. A história registrada de Iraí esteve ligada às águas termais. No final do século XIX (1897), um grupo de moradores de Cruz Alta/RS, partidários da Revolução Federalista, sentindo-se ameaçados pelo então governo, refugia-se em áreas de difícil acesso, junto à margem esquerda do rio Uruguai, nas fontes de águas quentes e frias que atraíam grande quantidade de animais de caça. Inicialmente, nomeiam o local de Fontes do Barreiro de Mel e, mais tarde, Águas de Mel, pelo fato de encontrarem muitas colméias de abelha.

Segundo Grassi (2001), no início do século XX chegam os colonizadores de descendência italiana, provenientes de Caxias do Sul e Guaporé, fixando-se próximo ao local, onde já era comum a prática dos banhos. Somente em 1933 é criado o município de Iraí que,

em Tupi-Guarani, significa *águas do mel*². Na década de 30, ocorreu a execução do traçado urbano dentro de uma proposta modernista, com largas avenidas e muitas áreas de lazer. O município possui uma reserva indígena Caingangue, que tem servida, inclusive, como atrativo turístico. O tecido urbano é bem distribuído, apresentando uma maior concentração de serviços junto a duas avenidas: Flores da Cunha e João Carlos Machado.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), censo de 2000, a população total era de 9.480 habitantes, sendo que 58% vivem na cidade. Analisando os dados demográficos publicados pelo IBGE sobre o censo de 2000, observa-se que a faixa que está entre 15 e 25 anos apresenta uma grande diminuição com relação à faixa anterior, o que comprova que há uma emigração de jovens do município, sendo mais clara na população masculina. Iraí possui sete hotéis, todos inseridos no tecido urbano. Há uma mata nativa secundária, que bordeia o tecido urbano, oferecendo uma franja natural, o que aproxima da atmosfera natural/rural.

Questiono o porquê da situação de atrofia urbana e econômica da cidade de Iraí, se tem um conjunto de atrativos turísticos relacionados a um imenso patrimônio natural e cultural. Estaria a proibição do jogo, pelo governo do general Eurico Dutra, que em 1946 fechou o Cassino Guarany, relacionada a essa situação, ou não? Ou à distância dos centros emanadores de turistas seria a principal razão? Uma, entre tantas inquietações que tenho, está ligada ao fato de Iraí ter sido preparada para o Turismo, dentro dos paradigmas *modernos acreditados* nas décadas de 1920 e 1930, ou seja, houve um planejamento urbano para o Turismo. Em documento analisado (Rio Grande do Sul, 1920), percebe-se que a “organização da Estância de Cruzeiro do Sul, sede da Colônia Guarita”, como na época era denominada a futura cidade de *Irahy*, foi idealizada a partir de um minucioso material descritivo, elaborado pela Diretoria de Terras e Colonização da Secretaria do Estado dos Negócios das Obras Públicas, encomendado pelo Governo do Estado. Através deste relatório de viabilidade técnica, para instalar uma estância de águas, baseado, não apenas, em estudos do local, mas em estudos de seis importantes estâncias de águas, já existentes no país (Poços de Caldas, Caxambú, Lambari, Cambuquira e São Lourenço no Estado de Minas Gerais e Prata no Estado de São Paulo), é que foi *construída* Iraí. O trabalho apresentado para a instalação da sede e do futuro Balneário foi, principalmente, baseado no *sucesso* de Poços de Caldas.

Em outras palavras, não ocorreu em Iraí a chamada *Turistificação* do lugar, situação esta, apontada por diferentes estudiosos do Turismo como sendo a causa do saturamento e do declínio dos Espaços Turísticos. No entanto, o que se observa é a manutenção de bens tangíveis e intangíveis, conseqüente da modernidade. Há um fazer humano ainda moderno, mesmo nos equipamentos turísticos. Seria esta manutenção, em detrimento de uma materialidade “pós-moderna”, uma das razões para o declínio do Turismo em Iraí, ou não?

Considerações, Ainda Não Finais

As considerações que apresento, neste momento, são provisórias, assim como deve ser todo o conhecimento construído. Como parte do todo, na cidade de Iraí, temos a área verde de entorno, a reserva indígena e os diferentes caminhos. A análise dos caminhos (Castrogiovanni, 2000), ou seja, locais por onde os complexos fluxos turísticos ocorrem, possibilita transitar entre *a parte que encerra o todo e no todo contido na parte*, princípio defendido por Morin para manter-se a dialogicidade na construção do conhecimento, que é sempre provisório. Pode-se contemplar o construído, as *rugosidades*, como testemunho histórico a demonstrar o apogeu de Iraí até o fechamento de seu cassino, na década de 1940, edificado através das formas que demonstravam riqueza e proximidade com os lugares mais sofisticados do mundo. Identifica-se que há uma construção de significados atribuídos aos nomes (inalismos), que oferecem uma polissemia na construção da imagem que atribuo ao lugar - Iraí. Na análise espacial realizada inicialmente, transito entre o possível *significado invisível* e o impossível *significado visível* que a nossa cultura possibilita, para extrair das imagens e dos nominalismos que constituem as formas existentes nos lugares, não-lugares e entre-lugares. Os caminhos em Iraí parecem ser um todo, pois assumem uma relativa autonomia dentro de certos limites espaciais, mas constituem parte do todo na dialógica do Espaço Turístico, no caso, o urbano de Iraí. O fenômeno urbano está associado à chamada história moderna. A cidade é um mundo de linguagens estabelecidas através das formas e nominalismo, que possibilitam a construção de imagens cada vez mais limitadas pela globalização. Pode ser pequena ou grande, ela pulsa, vive, seduz, agride, estabelecendo interações complexas com outras cidades, outros lugares, enquanto um *todo*, mas que faz *parte* do todo que é a complexidade do mundo. Transforma-se a partir dos sujeitos e transforma os sujeitos que nela interagem. Ela tem limites ilimitados no *tempo* e no *espaço*, portanto, na constituição do Espaço Turístico. É

repleta de entornos que, continuamente, estabelecem outros, alguns fortes, expressivos, outros, suaves, interativos, mas resultantes da dialogicidade tensa que é travada entre os sujeitos do lugar e os outros sujeitos, inseridos na globalização e que parecem estabelecer um entre-lugar turístico...

Seria este o Espaço Turístico? A viagem ainda continua, é preciso navegar mais.

Referências Bibliográficas

- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BARTHES, Roland. *O Óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. *Turismo urbano*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FLORES, Hilda Hübner (org.). *Turismo no RS – 50 Anos de Pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- GRASSI, Fiorindo David. *Iraí, Ecologia e Índios*. Iraí: Prefeitura Municipal de Iraí, 1992.
- _____. *Iraí, cidade turística*. Frederico Westphalen: URI, 2001.
- MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*. Bauru: EDUSC, 2000.
- MOESCH, Marutschka. *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto, 2000.
- MORIN, Edgar. *O Método III – o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- _____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. *O Método II – a vida da vida*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- _____. *O Método I – a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil* 12. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo – Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. *A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.